análise terminável e interminável II
um percurso pela trilogia de Paul Claudel: de Sygne a Pensée de Coûfontaine

TÂNIA MARA COSTA PINTO

Claudel. *L'Otage* (1939).

ENCONTRAMOS SYGNE DE COÛFONTAINE, em *O refém*[1], em um cenário austero, a abadia dos monges cistercienses de Coûfontaine, comprada por ela. Está na biblioteca:

> [...] uma grande e alta peça, clareada por quatro janelas sem cortina... No fundo, entre duas altas portas, sobre a parede branca de cal, uma grande cruz de madeira com um crucifixo em bronze, de aspecto feroz e mutilado. Na outra extremidade, sobre a cabeça de Sygne, um farrapo de uma fresca tapeçaria de seda, onde se vê, entre uma folhagem, no meio de uma pastoral rasgada, o escudo de Coûfontaine: destacando-se em ouro, o símbolo da fé (duas mãos unidas), alongando-se sobre um azul celeste, donde sai uma espada de prata verticalmente entre o Sol e a Lua, e por grito e divisa: "Coûfontaine Adsum".

Sygne, nesse tempo em que se percebe o fim do Império Napoleônico (talvez pouco antes de 1814), já havia percorrido o relato de sua biografia e se defrontado com uma verdade, amarrada no inconsciente como destino: filha de nobres, com a Revolução Francesa sua família perde todos os bens e direitos aristocráticos e ela assiste, ainda pequena, ao lado do primo Georges, mais velho, à decapitação dos pais e tios, tendo seu sangue espirrado sobre os dois: "Seu sangue foi semeado sobre o meu. Coûfontaine Adsum".

São mortos pelas mãos de Toussaint Turelure, filho da criada Suzanne e do feiticeiro da região.

Testemunhando esse horror, a verdade muda dessa impotência e desse gozo é o solo em que se enraíza o significante que lhe traçará um destino, dando corpo, literalmente, para sua inscrição no Outro: Coûfontaine, eis-me aqui.

Georges, o primo, emigra, disposto a lutar pela restauração da monarquia, é sua causa desde então, e Sygne é criada

por Suzanne, "na miséria, na privação, no medo e na solidão". Atingida a idade suficiente, trabalha para dar consistência a ser Coûfontaine: "Qud podia eu fazer? Seria preciso cruzar os braços? [...] isso que eu conheci de bom, esforcei-me para refazer e reparar".

Desde então, reconstrói o que pode, o que restou das terras, trabalha arduamente nas plantações, nas negociações de terra, na venda das colheitas, recupera o Cristo de bronze, partido em pedaços, trazendo-o nas costas, a pé, durante toda uma noite, e lhe faz uma cruz com as vigas do próprio castelo incendiado.

"Eu, pobre moça, entre esses homens de lei, como Joana D'Arc entre os homens de guerra. [...] Eu sou aquela que ficou e que está sempre lá. [...] E que a Coûfontaine ao menos Coûfontaine não faça falta".

É nesse momento que encontramos Sygne na biblioteca, quando recebe a visita de Georges: "Que juventude, minha pobre prima, a sua! Retomando, recolocando juntos os pedaços dispersos dessa terra... Como uma velha renda rasgada que se retoma fio por fio".

E, após o primo lhe dar a triste notícia da traição que lhe faz sua esposa e, em seguida, da morte dela e de seus filhos, reafirmando sua fidelidade unicamente à causa da monarquia, Sygne indaga, desde seu próprio fundamento:

> Quem então continuará a raça?
>
> *Georges*: Tu és jovem, tu és rica. Guarda esses bens que reunistes... Algum homem virá.

Sygne, novamente perante o horror da ameaça de desaparição, tentando manter inscrito no Outro o significante de seu ser, dá-lhe uma resposta amorosa: "Eu não darei a um outro isso que é unicamente de Coûfontaine. [...] Eu sou tua! Toma e faz de mim o que tu quiseres".

Georges, após um belo discurso, em que recorda que perdeu os pais, o rei, o direito, a mulher, os filhos, que leva uma vida perseguida e perseguindo, ameaçada e ameaçando, é seduzido por essa oferta, que lhe promete aquilo que a ele falta:

> Eu, nessa queda de tudo, continuo o mesmo, a honra e o dever o mesmo. Mas tu, Sygne... Não vás falir como o resto. Não enganes quem tem fome e sede de teu coração fora de mim, da lealdade em teu coração fora de mim, e não de

uma coisa que seja segura, mas de uma que seja infalível.

Sygne: Só Deus é infalível.

Georges: Ainda Deus! Deixe-o onde ele está... Pois se ele agüenta ficar tão escondido, que ao menos não nos faça reféns.

Fazem então os dois primos uma promessa de casamento, e Georges conta a Sygne que trouxe consigo o Papa, tendo-o seqüestrado das forças napoleônicas. A essa altura, Turelure (alusão a tira-moedas), tendo se tornado general, prefeito e barão, sabedor da chegada de Georges e do Papa, impõe casamento a Sygne, e em troca, os deixará partir:

Eu tenho em mãos os melhores reféns. Sygne, salva teu Deus e teu Rei. Sygne de Coûfontaine, que faz a orgulhosa. Eu a comprarei e você pertencerá a mim. Tomarei a terra e a mulher e o nome.

Sygne: Deus me deu a vida e eis-me aqui pronta a devolver-lhe. Mas o nome é meu! Minha honra de mulher é somente minha!

Sygne tem então uma longa conversa com o padre Badilon, na qual este lhe apela que não permita que o Papa seja entregue aos inimigos, mesmo tendo de romper o pacto com Georges. Ela, após desejar a morte do primo, do Papa, e após pensar em matar ela mesma o Barão de Turelure, e após odiar a Deus e desconfiar dos propósitos divinos, ajoelha-se: "Perdoa-me, meu Pai, porque eu pequei... Eu sou culpada de palavras violentas, de desejo de morte, de propósito de matar".

Então, cedendo ao casamento com Turelure, concede-lhe seus bens, renuncia ao nome e ao trabalho que deu sentido à sua vida. Responde ao Barão: "La Maison Turelure".

Monsieur Badilon, testemunhando essa queda de sentido: "Ei-lo, portanto, enfim abatido, o edifício de seu amor próprio! Ei-la aqui no chão, essa Sygne (esse signo) que Deus não fez! Ei-lo aqui arrancado até suas raízes".

"A análise é uma introdução do sujeito ao seu destino? Será essa a verdadeira questão? Certamente que não", considera Lacan[2].Uma análise põe a debater o saber e a verdade, esse saber Outro sobre o qual o significante fez uma interpretação, uma amarração da verdade. Mesmo que o rigor da análise não

[2] Lacan. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961)* (1992).

permita que se encontre um saber qualquer que alivie dos efeitos de verdade, ao contrário, exige do saber um desdobramento em face da verdade, coloca-se uma pergunta: termina aí uma análise? Em seu fim, trata-se de uma subjetivação? O fim de uma análise seria a construção de um saber sobre a verdade? Se assim fosse, a análise buscaria, ao fim, quase o mesmo que uma religião, apesar de todo o esforço de Freud em demonstrar que a psicanálise e a religião não se assentavam sobre os mesmos fundamentos.

E mais, como o encontro com um saber, ainda que não falso, poderia se instituir como o fim de uma análise, se Lacan afirma textualmente: "Diria quase que o saber é perseguido como defesa contra a verdade"[3], ou Freud, quando escreve que, perante o desprazer, "a verdade deve ser sacrificada"[4] pelo aparelho psíquico.

Que entender, então, no discurso analítico, com o saber em lugar da verdade? Que entender senão, literalmente, como a dissociação entre saber e verdade, o saber se nutrindo de um efeito de verdade?

A verdade é a castração, esse limite último, inexorável, em que o discurso termina, o rochedo, como tão bem se expressa Freud. E Lacan é, por sua parte, muito claro: "A verdade – a ser registrada como a relação mais essencial do sujeito, sua relação ao nascimento e à morte, e tudo que lhe concerne está em seu intervalo. Esta é a questão da verdade – Eu, a verdade, falo"[5].

Ou seja, a verdade aparece como ficção, mostra seus efeitos no discurso, em uma série de saber.

Uma análise é finita, um dia chega a seu fim. Inicia no encontro com o Outro, termina no encontro com o objeto *a*, com o gozo. Em sua primeira escansão, há um encontro com a verdade, o surgimento da subjetivação, ou seja, de um sujeito até então subposto à cadeia significante, e de um saber, também até então subposto, que toca uma dimensão de verdade, a castração, ou, como escreve Freud, "o grande enigma do sexo"[6]. E acrescenta que, diante disso, só resta mudar de posição. Mudar de posição então perante o Outro, sexo, já que a verdade da castração se inscreve como saber no lugar do Outro, e essa incidência do significante põe em jogo a sexualidade: a diferença sexual é significante, uma vez que a pulsão não tem sexo.

É a cadeia significante que, articulando o destino pulsional, determina que o humano se ponha do lado macho ou fêmea. O único sexo do humano é o falo. Assim, o fim da análise freudiana, nesse ponto limite em que o saber de que se trata é

[3] Lacan. *O seminário: O objeto da psicanálise (1965-1966)* (Inédito: aula de 19 de janeiro de 1966).

[4] Freud. Análise terminável e interminável (1937/1975).

[5] Lacan. *O seminário: O objeto da psicanálise (1965-1966)* (*op. cit.*, aula de 19 de janeiro de 1966).

[6] Freud. Análise terminável e interminável (*op. cit.*).

articulado com a castração, tem como conseqüência o encontro com a diferença sexual, com significante fálico, S_1. Mudar de posição é abandonar o debate da neurose infantil entre o ter ou não ter o falo (posição que sucede àquela de ser o falo para a mãe), subjetivando a falta como inerente ao falante, a falta de uma resposta vinda do Outro para a subjetivação do sexo. Nesse ponto surge o sujeito do inconsciente, pois se o Outro, sexo, perde a consistência de cálculo para a própria posição, só resta poder operar com a falta, com a diferença.

Esse é o fim, o terminável, o finito da análise que Freud deixa como legado: o encontro com a castração, o surgimento de uma subjetivação quanto ao sexo.

Esse é o ponto no qual deixamos Sygne, consentindo em abandonar sua posição viril de Joana D'Arc, seu repúdio da feminilidade, como diria Freud. Torna-se esposa e mãe, porém o saber ainda está dentro do parênteses do conjunto de significantes, ainda busca um sentido último, um fundamento em Deus. Mas Sygne está disposta a prosseguir. Em Claudel, a vida lhe pede isso. Em uma análise, depende de quem? Para dirigir um tratamento, é de responsabilidade de quem dirige saber onde ele deve chegar, qual seu fim. Pode o analisante ceder antes, por julgar que já sabe o suficiente, mas pode ceder se deseja praticar a psicanálise? Pode contentar-se com a análise do inconsciente, com a subjetivação de seu destino, sem tocar o verdadeiro assentamento do sujeito? Que é um sujeito? Lacan afirma que é uma resposta do real. Freud, por sua vez, diz o mesmo, é o que advém no lugar do isso.

Sygne, que vai além, não se confunde com seu destino: no terceiro ato, em um castelo perto de Paris, o Barão Toussaint Turelure, agora Prefeito do Sena, comandante da armada que defende Paris contra os aliados, reúne em suas mãos os poderes civis e militares. Propõe então a Sygne que obtenha do primo, plenipotenciário do Rei, o abandono geral e a transferência para Turelure, de todos os direitos, dos títulos e das posses, inclusive do nome, em troca da volta da monarquia e da queda de Napoleão. Durante toda a cena, até o fim, Sygne "tem esse tique nervoso de agitar a cabeça lentamente da direita para a esquerda, como alguém que diz: Não".

Sygne, perante a indignação de Georges em assinar tal documento:

> Não há mais direito, não há senão um gozo. Não há mais aliança para sempre entre a terra e o homem que não seja unicamente aquela do túmulo.

Mas é preciso escrever e consentir.

Caro irmão, não nos impeça de acabar.

Vem comigo...

Não mais nome...

[...] Eu traí, é verdade! Eu entreguei tudo, e eu mesma junto! Isso estava morto. O rei está morto, o chefe está morto. Mas eu salvei o Padre eterno. Deus está vivo conosco, tanto que haverá ainda conosco Sua palavra e um pouco de pão, e Sua mão sagrada que liga e que desliga.

E, após Georges lhe mostrar que então foi esse Deus que desligou a mão de Sygne (referência ao escudo de Coûfontaine, em que, do símbolo da fé, duas mãos unidas, ergue-se o lema: Coûfontaine Adsum), o próprio Deus renegando a lei que ele mesmo teria feito, recusa essa aliança com Sygne, derrubando seu último fundamento de garantia, e assina os papéis:

Eis aqui meu testamento, eis aqui a nova aliança. Mas eu não li que não há testamento sem um morto e aliança sem algum sangue derramado?

Sygne: [...] não há mais Deus..., sê então um homem ao menos... e age seguindo tua própria lei. É unicamente meu mau coração que é a causa! Eu vou então só e desligada em direção ao sol subterrâneo.

Após os papéis assinados e dadas as ordens para que o Rei retorne, Georges surge armado e, na troca de tiros com Turelure, Sygne se lança entre os dois e é baleada. Na cena final, na agonia de Sygne, a todas as perguntas que lhe são feitas, como sentido de sua morte, Sygne responde que não. "Em que momento começa a aparecer, possivelmente, a falta de significante? Nessa dimensão que é subjetiva, e que se chama a pergunta"[7].

[7] Lacan. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961)* (*op. cit.*).

Sygne morre, dizendo não com o tique de balançar a cabeça, não a ser no campo do Outro, atestando a mais absoluta falta no Outro, não a todos os argumentos, a todas as garantias, não a Deus, ao Rei, ao nome, não à maternidade, a tudo. "Tudo está esvaziado – até ao fundo – tudo foi expresso – até a última gota".

Encontro inexorável com a verdade como queda de saber, queda do significante, em que a verdade é o equivalente do S (Ⱥ).

Restando a marca do significante, da falta que o significante abre no real, surgindo como conseqüência o sujeito como resposta do real, puro tique, suspiro, que não mais espera no Outro qualquer inscrição infalível, como pedia Georges, não mais refém de uma garantia escondida, como também clamou Georges. Encontro com o real e com a marca de um gozo. Encontro em que se fabrica o sujeito.

[8] Claudel. *Le pain dur* (1946).

Na seqüência da trilogia de Claudel, em *O pão duro*[8], Turelure vive com Sichel, personagem que tomo a liberdade de considerar como Sygne, após a dessubjetivação que, nesse lugar, emerge como aquela que não é o próprio nome, nem a religião, nem a esposa, nem a mãe. Articula sua posição em relação à pulsão, ao saber, à verdade, e, com base nisso, engendrará o desejo: "Eu não sou Sichel! É o velho que me chama assim. Eu sou Raquel, Sichel, que é, em alemão, foice no céu claro do mês novo. Bom. Isso está bem assim".

[9] Lacan. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961)* (*op. cit.*).

Sichel é judia e, como refere Lacan "a direção tomada pelo judeu é a da partilha, por todos, deste algo que é o único real, e que é o gozo"[9]:

> Mas nós, Judeus, não há uma pequena ponta de terra...
>
> Sobre a qual pudéssemos por o pé e dizer: é para nós, é nós, é em nós...
>
> Que singular história! Nós somos recusados por toda a humanidade, e é dessa recusa que nós somos feitos.
>
> [...] Não espero senão em mim mesma, e sei que não há senão uma vida. Eu sou uma mulher, e quero ter meu lugar com o resto da humanidade...
>
> Não há Polônia, não há judaísmo, não há senão homens e mulheres viventes, Deus não está, não há Messias a esperar... É porque as coisas que existem são importantes e eu não estarei excluída. Ah, eu não tenho senão a mim mesma, sozinha e eu sou judia.

[10] Freud. Discurso perante a Sociedade dos B'nai B'rith (1926/1975).

Como Freud, no *Discurso perante a Sociedade dos B'nai B'rith*[10]:

> [...] eu próprio sou judeu e sempre me parecera não somente indigno como positivamente insen-

> sato negar esse fato. O que me ligava ao povo judeu não era nem a fé nem o orgulho nacional. Mas restavam muitas outras coisas que tornavam a atração do mundo judeu e dos judeus irresistível – muitas forças emocionais obscuras, que eram mais poderosas quanto menos pudessem ser expressas em palavras, bem como uma nítida consciência de identidade interna.

Sichel, como Freud, afirma sou judia e não sou, dando provas de onde retira o enxame de seu significante mestre, operando com o saber, a verdade e o gozo, em que S_1 e *a* se unem para fabricar o sujeito. União que engendrará o desejo, na terceira peça da trilogia, *O pai humilhado*[11], na personagem de Pensée de Coûfontaine, cega e representando a própria encarnação do desejo, trazendo a tatuagem de uma satisfação primeira com o objeto causa, no caso, a voz:

[11] Claudel. *Le père humilié* (1948).

> Os outros em torno a mim, todas essas pessoas, o que é que eles sabem das coisas? Tomam bem rápido o que lhes é necessário, em um abrir e fechar de olhos, para se guiar por meio de sua pequena comédia! Mas a mim, tudo me toca até o fundo do coração. Essa voz, por exemplo, que eu escuto. Tu, à medida que tu falas, eu existo...

Pensée, cega, que não vê no outro o ressoar de sua fala, e que assim se coloca nele como a fala mesma, que escuta a si mesma no Outro. O desejo é desejo do Outro, desejo no lugar onde está o Outro. Assim, seu desejo ecoa nas palavras de Orian, o homem amado:

> É necessário que eu não seja um satisfeito! É necessário que não se me tape a boca e os olhos com essa espécie de felicidade que nos tira o desejo. [...] Quando se falta a si mesmo, que é que eu sou capaz de dar? Ah, não é morrer quando se está cego para saber que o sol existe e que entre tantos raios em torno desse objeto eterno, como espadas, não haverá uma, só para nós, para atingir essa assustadora morte incurável – para se jogar para cima, enfim, de coração aberto, com uma grande golfada para exterminar isso que existe em nós de mortal e que é duas vezes morto já? Tu me compreendes?
>
> *Pensée.* Eu não seria cega se eu não te compreendesse.

"Assim termina o projeto do poeta. Ele nos mostra, depois do drama dos sujeitos como puras vítimas do *logos*, da linguagem, o que se torna o desejo... Ela merece seu nome, Pensamento, ela é pensamento sobre o desejo"[12], conclui Lacan.

[12] Lacan. *O seminário - livro 8: A transferência (1960-1961)* (*op. cit.*).

Retomo agora a citação completa de Lacan, da qual, anteriormente, amputei o fim:

> A verdade – a ser registrada como a relação mais essencial do sujeito, sua relação ao nascimento e à morte, e tudo que lhe concerne está em seu intervalo. Esta é a questão da verdade – Eu, a verdade, falo. Observem que aqui o enunciado do termo mesmo intervalo é a metáfora, inclusive poética, da borda sombria. Função de borda – topológica – para ter uma referência que não é metafórica – oposição entre conjunto aberto e fechado. Vocês sabem o que é um conjunto fechado. É o que se concebe como unindo o conjunto aberto com seu limite enquanto que, topologicamente, este se distingue. Limite, fronteira, borda, tais são os termos do que se trata. A parte da verdade é aquela de nosso limite entre o nascimento e a morte, limite enquanto sujeito. E tudo o que concerne ao saber, é ao conjunto aberto que está em seu intervalo.

Em assim sendo, o sujeito tem um limite, está cernido pela borda da verdade, e o saber que constrói, mesmo em sua análise, ou seja, mesmo tocando essa fronteira de verdade, ainda estará dentro dessa borda. Borda sombria, expressão em que Lacan evoca um mais além do efeito poético, metafórico. O que há para além dela, no campo sombrio? Qual o assentamento do sujeito, nesse campo fora do simbólico? O ser e sua dimensão de real, de satisfação que é impossível ao dito. Se a verdade é o próprio parêntese que fecha o conjunto, ela está em contato tanto com o dentro quanto com o fora dele, tanto com o que concerne ao sujeito quanto com o que concerne ao ser. Ela está no coração do ser e no encontro com o significante. "A dimensão da verdade, antes de verdadeira ou falsa, faz entrar, por um lado, a questão do ser, por outro, a do encontro"[13], afirma Lacan, assim como a situa como irmã do gozo.

[13] Lacan. *O seminário: O objeto da psicanálise (1965-1966)* (*op. cit.*: aula de 12 de janeiro de 1966).

Freud escolhe como título de seu texto *Análise terminável e interminável*. Por que colocaria a palavra interminável precedida de um *e*, e não de *ou*? Deixa então uma proposição intrigante ao se referir ao interminável da análise em função da pulsão, vislumbrando um mais além, quando afirma "Há sempre

fenômenos residuais", ou "resíduos de fixações libidinais anteriores ainda podem ser mantidos na configuração final", ou "Fica-se às vezes inclinado a duvidar se os dragões dos dias primevos estão realmente extintos" ou mesmo em sua clássica afirmação de que educar, governar e psicanalisar são impossíveis. Lacan dá esse passo no mais além, no campo da pulsão, no real, na questão do ser, no assentamento mesmo do sujeito. Ou seja, uma análise pode avançar para além da relação da verdade com o saber e a subjetivação desse saber pelo analisante, para a relação da verdade com o gozo, para um saber como acréscimo ao real.

Há, então, como conseqüência lógica, uma segunda escansão na análise: adentrar o campo sombrio. Encontro agora com o S_1, como o que Lacan chamou de enxame [*essaim*] e também como o único significante com valor de signo.

O S_1 é uma amarração do saber, da verdade e do gozo.

Em um tempo mítico, há, de início o ser, o corpo, com sua satisfação absoluta. O ser é real, fora do simbólico, e seu referente é o gozo. Freud escreve: "O ser reverenciado é, em última análise, sempre um animal"[14]. Com a incidência do simbólico, uma cota do gozo de ser se aparelha no significante, trazendo, no entanto, a marca, o traço de uma satisfação absoluta, única e perdida. Freud, em *Carta 52*, lança este conceito: *einziger zug*, ao descrever as inscrições dos traços mnêmicos no aparelho psíquico. *Einziger* se traduz por único, e *Zug* por sulco, engate. Lacan o nomeia traço unário e a ele se refere:

> [...] a coisa pode apresentar-se de maneira mais simples no traço unário. O primeiro significante é o entalhe, pela qual se marca, por exemplo, que o sujeito matou um animal, mediante o qual não se embrulhará em sua memória quando tenha matado dez. Não terá que recordar qual é qual e a partir desse traço unário os contará. O traço unário, o próprio sujeito se localiza nele, e, em primeiro lugar, se marca como tatuagem, primeiro dos significantes.[15]

[15] Lacan. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1992).

Assim, o S_1 carrega em seu bojo o traço, a marca de um gozo, *Bejahung*, segundo Freud, percepção, afirmação primeira e fundamental, que "afirma a posse" e é "expresso na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais", dizendo: houve um objeto que satisfez. Essa afirmação primeira da satisfação se inscreve como um *Zug*, um engate no aparelho psíquico, e abrirá a cadeia de representações, buscando "reencontrar o objeto que satisfez", "convencer-se de que ele está lá", enfim, construindo um saber

sobre sua existência que, doravante, tomará o caminho da representação: "todas as representações se originam de percepções e são repetições destas"[16]. Aqui Freud já anuncia que todas as representações posteriores trarão a marca repetitiva dessa percepção, de tal modo que toda a cadeia significante portará a repetição do traço de satisfação. Aquilo que o simbólico constrói como saber traz também, então, em seu âmago, uma defesa contra essa verdade de uma satisfação obscura ao sujeito. A conseqüência, portanto, do encontro com o S_1 em sua amarra com o gozo é um saber novo, saber que leva em conta a contabilidade do gozo. O S_1 é signo também, pois conota uma presença sobre um fundo de ausência, localiza o gozo naquilo que ele mesmo atesta: sua falta. Falta em ser, em ser a pura satisfação, já que dela só porta o *made in*, o atestado de origem.

[16] Freud. A negativa (1925/1975).

O significante *um*, no entanto, não significantiza todo o gozo. Aquilo que sobra, como excedente, que não se inscreve, Lacan nomeia como *a*, o mais-gozar. O gozo que se inscreve, só se inscreve como *ex-sistência*, no simbólico, como marca dessa apreensão no conjunto aberto do saber, e é porque Lacan equipara saber e gozo. Como o gozo não é todo no significante, como sobra o *a*, este segue causando, recolocando o mesmo, gerando o desejo, como metonímia de uma falta em ser. Termina que o desejo é o tratamento, a face significante do gozo.

O S_1, sendo um significante, está no campo do desejo, e só poderá constituir-se no reino do significante. Ao portar um *zug*, um engate com o real e, ao mesmo tempo, estar no reino significante, é o que articula o real, o saber e a verdade.

Se, então, uma análise chega ao significante mestre em uma de suas faces, aquela do encontro com a verdade quanto ao sexo e a subjetivação desta, o próximo passo é aquele que leva ao encontro com a pulsão, com o modo, com o traço de gozo e com sua própria causa, em uma reconciliação.

Análise finita e infinita: qual é enfim a fórmula do fim; se a análise tem um finito, como pode ser infinita?

Se a matemática como formalização é capaz de transmitir integralmente, como afirma Lacan[17], deve-se tomar à letra seus postulados, tomando o cuidado de não deformá-los segundo nosso gosto. Assim, as leis do finito não se aplicam ao infinito.

[17] Lacan. *O seminário – livro 20: Mais, ainda (1972-1973)* (1992).

Tomemos a série significante como um conjunto, uma vez que ela satisfaz as condições para isso. Será um conjunto infinito, uma vez que a ele se aplica o quinto axioma de Peano: sempre podemos aplicar *n+1*, ou seja, sempre podemos colocar um significante a mais, e alterar a cardinalidade do conjunto, alterando o saber então ordenado. Qual é a última palavra da

série? Aquela que fecharia o conjunto, traduzindo um saber definitivo? Se tomarmos o uso vivo da língua, teremos de admitir que estamos diante de um conjunto infinito. Colocar-nos-emos os mesmos problemas que os matemáticos se colocaram desde a Antigüidade: se a série é infinita, haverá um Deus que a assegure em sua completude, ou tentar determinar em que ponto o infinito passa a finito, para que a análise se conclua. Como as respostas que a psicanálise dá não são compatíveis com a religião, e como os matemáticos já demonstraram que não há esse ponto em que o infinito passa a finito, teremos de aplicar o mesmo método que Cantor utiliza para abordar a questão do conjunto infinito: a comparação biunívoca com o conjunto dos números naturais. Com esse método, Cantor inventa um novo número, o Aleph zero, $\aleph_0$, número nem finito nem infinito, mas transfinito, que perpassa o infinito cardinalizando, medindo o tamanho do conjunto infinito, tornando-o enumerável. Aplicando ao conjunto de significantes a comparação biunívoca com o conjunto dos números naturais, o resultado é que a cada significante corresponde um número natural, de tal forma que Lacan os enumera: S_1, S_2, S_3,... Assim, teremos de concluir que o conjunto dos significantes é um infinito enumerável, contável, portanto de cardinalidade $\aleph_0$ – transfinita. Dessa forma, embora a cadeia significante que articula o saber se abra ao infinito, é possível fechar o conjunto, contá-lo e dar a cardinalidade, a potência, a lei que rege a articulação da série, seu $À_0$. Seguindo o movimento de uma análise, o analisante, ao percorrer a cadeia significante, percorre também o número recalcado desses significantes, como diz Lacan: "Isto está recalcado, o número do comportamento tal"[18]. Se a análise prossegue, chegará ao S_1 também como operador perante o gozo, como cifra de *um* gozo, o que permitirá, a partir daí, a contagem, um *um*, dois (*um*), três (*um*) etc. Como escreve o matemático Euclides (em *Elementos*): "É por meio da unidade que cada um desses seres é dito um, que o número não é outra coisa que esse suporte da multiplicidade, que surge precisamente da introdução das unidades".

[17] Lacan. *O seminário - livro 20: Mais, ainda (1972-1973)* (1992).

Multiplicidade que se expressa pela cadeia simbólica, em que o significante, ao mesmo tempo em que põe a diferença, tem como suporte o número (1,2,3,4,5,6...), que não é senão a repetição do *um*, desse *um* traço de gozo, afirmação da *Bejahung* fundamental. O que torna possível que o sujeito possa, por exemplo, se dar conta de algo como "É a décima vez que, mesmo em situações diferentes, eu repito o mesmo".

Lacan escreve:

> Quando esse primeiro significante, esse um está instituído, a conta é *um* um. É ao nível, não do *um*, senão de *um* um, a nível da conta, que o sujeito tem que se situar como tal. No qual os dois uns se distinguem. Se marca assim a primeira esquize que faz que o sujeito como tal se distinga do signo com respeito ao qual, em primeiro lugar, pôde constituir-se como sujeito. Ensino-lhes por isso a guardar-se de confundir a função dele com a imagem do objeto *a*.[19]

[19] *Ibid.*

Se, então, esse primeiro *um* é o suporte de toda conta, de toda multiplicidade, da enumeração da cota de gozo que se significantiza, ele contém em si a potência do conjunto, sua cardinalidade, a lei da série. O $\aleph_0$ que permite enfim medir, circunscrever o conjunto dos significantes, que não permite que a análise siga indefinidamente, que fecha a cadeia dos ditos, é o traço unário, o *einziger Zug* freudiano, que se embute no campo significante como S_1, operando tanto com o gozo quanto com o desejo. Aí está o fim de uma análise, no transfinito, nesse encontro do sujeito com o que é possível apreender do gozo e subjetivar, reconciliando-se com a pulsão, com seu traço, encontrando o $\aleph_0$, o S_1, como potência, cardinalidade do conjunto infinito dos ditos, aquela que enumera a repetição do gozo no significante, dando o assentamento mesmo do sujeito, que é o *a*, como causa, porque fora desse conjunto.

A transmissão desse encontro só poderá ser feita pelo matema, pela escritura, como o que é efeito, resto de um discurso, transmitindo talvez integralmente. Mesmo assim, para ler essa escritura, o sujeito só dispõe de seus significantes, o que resulta novamente em um saber, um saber que então se acrescenta ao real.

Reduzir-se-á o sujeito ao matema, ao puro conceito, ao fim de uma análise? Não, se o desejo é o que perdura de pura perda, o saber não tomará o lugar da verdade, mesmo tocando-a em seu parentesco com o gozo.

Mesmo que, ao fim, o sujeito possa dizer "Sou isso", sou feito dessa miserável substância e isso foi o que marcou cada ciclo de sua vida, e saber disso altera sua relação ao próprio gozo, há ainda o infinito de uma análise, que Freud tão bem demarcou.

Seguindo os fundamentos da matemática dos conjuntos, Cantor se encontra com um infinito não enumerável: tanto o dos números irracionais quanto os pontos de uma reta, conjunto que nomeou de cardinalidade *C*, contínua, um novo transfinito,

agora incontável. Também demonstrou que esse conjunto, embora infinito, se reduz ao campo entre zero e um.

Lacan situa o resto de gozo como o absoluto, o que não se inscreve, porque ali falta o saber, falta o significante para articulá-lo. Mantendo-se para sempre, infinitamente como pura perda, como o que não se termina jamais de perder, situa-se aí o infinito não contável, o contínuo, nesse espaço, nesse segmento de reta, não importando seu tamanho, já que será sempre do mesmo tamanho, uma vez que não mantém nenhuma relação com o enumerável, em cuja extremidade encontraremos o um, e poderemos então começar a contagem. É tomar o *a*, em sua infinitude, como causa. É o mesmo argumento de Freud quando responsabiliza a pulsão pelo interminável da análise.

E, para concluir, por que não aplicarmos também o teorema de Godel ao fim da análise? O matemático Kurt Godel, com o "Teorema da incompletude ou da indecidibilidade", prova que é impossível, mesmo em um sistema consistente, capturar toda a verdade. De toda operação sobra um resto, um indecidível, que, no entanto, não invalida o sistema. Da operação do fim da análise sobra o *a*, como dejeto, como um ponto de não saber, uma vez que não se trata de apagar a estrutura, pois isso equivaleria a dizer que o fim de uma análise é a psicotização. Podemos tomar esse resto como o ponto indecidível do sistema, sem absolutamente invalidá-lo. Pois, do contrário, cairíamos no "sonho de Hilbert", ou seja, de que é possível, com certo número de postulados, conhecer toda a verdade. Lacan mesmo afirma que a verdade não se diz toda, não se reduz ao saber. Assim, mesmo um conjunto de axiomas, mesmo um matema, ainda será insuficiente para captar toda a verdade do sistema. Dessa forma, o interminável de uma análise pode ser em função desse indecidível da pulsão tomado como partida, como causa, podendo abrir novos sistemas, quero dizer, capturar algo novo aí, como *um*, que reordene o conjunto, com um novo operador perante o saber, a verdade e o gozo. De qualquer forma, serão gerados novos indecidíveis, em uma operação interminável, da qual a única garantia que temos é o desejo, que perdura dessa perda infinita, significantizando o gozo, colocando a função sujeito. Como? Somando um saber ao real. "A pulsão sabe", diz Lacan[20]. Que saiba que sabe, compete então ao sujeito.

Afinal, essa é a ética que Freud aconselha ao analista sobre sua própria análise: "Isso significaria que [...] sua própria análise que se transformaria de tarefa terminável em interminável".

Lacan, referindo-se a Claudel, escreveu que assim termina o projeto do poeta, mostrar o que se torna o desejo após o

[20] Lacan. *O seminário: De um Outro ao outro (1968-1969)* (Inédito: aula de 5 de março de 1969).

sujeito ter sido vítima, refém do *logos*. E o nosso projeto? Esse projeto de reunirmo-nos em nome da psicanálise? De decifrarmos o que se torna o desejo do analista? Estaremos à altura de ler o que escreve Lacan na *Nota italiana*, quando escreve que não basta ter conduzido sua própria análise até o encontro com o objeto *a* para se autorizar como analista? Parafraseando Freud, no último parágrafo de *Análise terminável e interminável*: "seria difícil dizer se e quando conseguimos êxito" em dar à verificação que o objeto é justamente o que objeta, diz não ao saber, e é aí então que pode provocá-lo, causar o desejo de saber, desse saber que "é preciso inventar".

referências bibliográficas

CLAUDEL, Paul. *L'Otage*. Paris: Gallimard, 1939.

CLAUDEL, Paul. *Le pain dur*. Paris: Gallimard, 1946.

CLAUDEL, Paul. *Le père humilié*. Paris: Gallimard, 1948.

FREUD, Sigmund. (1925) A negativa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund. (1925) Um estudo autobiográfico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol. XX.

FREUD, Sigmund. (1926) Discurso perante a Sociedade dos B'nai B'rith. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol. XX.

FREUD, Sigmund. (1937) Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. Vol. XXIII.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 8: A transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário: A identificação (1961-1962)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário: O objeto da psicanálise (1965-1966)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário: De um Outro ao outro (1968-1969)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 20: Mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

resumo

O texto tem como visada trabalhar o fim da análise nos dois caminhos indicados por Freud: o terminável e o interminável. Destaca duas escansões para o término de uma análise: o deciframento do inconsciente, pela subjetivação daquilo que o significante fez destino (leitura freudiana), e o mais além do discurso: o encontro com a pulsão, com a causa real (leitura lacaniana). Põe em foco a série significante e o campo do real com base na teoria dos conjuntos de Georg Cantor e sua conceituação de transfinito. Trata como referência clínica as personagens femininas da trilogia de Paul Claudel: *O refém, O pão duro e O pai humilhado*, tomando-as como uma única mulher e lendo suas histórias da perspectiva de uma psicanálise.

abstract

The text focuses on working the end of an analysis in the two ways pointed by Freud: the finishable and the unfinishable. It highlights two possibilities for the end of an analysis: deciphering the unconscious, through the subjectivation of the significant's way (the Freudian interpretation) and, going even further, meeting the drive, with the real cause (the Lacanian interpretation). It focuses on the significant series and the real aspect, starting from Georg Cantor's sets theory, and his concept of transfinite. It deals as clinical reference the female characters in Paul Claudel's trilogy: *The Hostage*, *The Stingy* and *The Humiliated Father*, considering them as only one woman, and reading their stories from a psychoanalytical perspective.

palavras-chave

saber, verdade, gozo

keywords

knowledge, truth, pleasure